

## Falta irreparável

Pioneiro de Goiás, Ovídio Inácio Carneiro morreu deixando a fama de visão empresarial e solidariedade humana.

(Extraído do jornal Diário da Manhã, edição de 15 de maio de 1993).

Aumentou muito o número de órfãos, dia 12 de maio, um dia de muita luz e calor, quando morreu, aos 77 anos de idade, Ovídio Inácio Carneiro. É impossível calcular o número de pessoas que ele ajudou. Os anônimos beneficiários do seu trabalho e do seu capital lhe devem não apenas o emprego e o salário, as vezes o teto, a saúde recuperada, o negócio que toca na evolução de empregado para patrão, a educação dos filhos e outras dadas difíceis de se obter no mundo de hoje. Todos mereceram dele a amizade e o respeito.

No velório do Jardim das Palmeiras, dia 12 de maio, uma faixa na coroa de flores continha palavras capazes de explicar aquele homem:

"Diretores e funcionários da Federação das Indústrias do Estado de Goiás se lembrarão sempre de Ovídio Inácio Carneiro, que foi líder e cristão".

Cristão - eis o qualificativo ideal para Ovídio Inácio Carneiro, homem extremamente solidário. Ele chegou e se foi sem ódios, sem diferenças, sem mágoas e sem inimigos. Passou com um perene sorriso nos lábios, a voz mansa e pausada, nenhum peso na consciência e o coração aberto a todas as aproximações.

Existem ricos bons como existem pobres mais, ele foi um rico bom. Alimentou e amparou famílias e famílias, jamais ofendeu alguém.

Foi pioneiro da indústria de laticínios e ajudou a construir, com as próprias mãos, a primeira usina de pasteurização de Goiânia. A partir daí, conseguiu uma prosperidade imensa. A Companhia Goiana de Laticínios possui usinas e fábricas de leite em pó em Goiás, no Tocantins e em Mato Grosso e já esteve até em São Paulo.

Profundamente religioso, o doutor Ovídio sempre expressou função social do capital. Sabia que esmola é uma instituição dos cristãos, mas considerava mais importante oferecer empregos. Ensinar a pescar e proporcionar a cara, a linha e o anzol, ao invés de simplesmente oferecer o peixe.

Empresa significa empregos e circulação de riquezas. Quanto mais empresas, melhor. São elas, união de capital e trabalho, que fazem o bem-estar dos povos.

Quando Jesus esteve em corpo e alma na Terra, há dois mil anos, as relações do trabalho eram primitivas. A economia surgia com aspectos rudimentares. Não existiam empresas como as conhecemos hoje. Nem legislação de amparo ao trabalhador. Então, dar esmolas era o mais importante.

Mas emprego, quando o patrão é bom, é mais do isso. É a compensação ao executor do trabalho, a atividade que apresenta duplo valor ético, porque beneficia a quem o executa e a aquele que o recebe. O bom patrão se eleva acima da legislação trabalhista. Retribui com amor, sabendo que é dando que se recebe na dinâmica da vida.

Em mais de três décadas à frente da Companhia Goiana de Laticínios, não houve instituição assistencial, particular ou pública, que não merecesse a distribuição gratuita de seus alimentos.

Esse era o empresário Ovídio Inácio Carneiro. Muito mais rico internamente, na sua alma e no seu coração generosos.

### O homem, como ele era

Opinião de José Aquino Porto, presidente da Fieg, na inauguração do Centro de Atividades Ovídio Inácio Carneiro, do Sesi, em Catalão, em agosto de 1990.

"Esse CAT começa vitorioso a partir do próprio nome. Ovídio Inácio Carneiro é um dos mais ilustres filhos de Catalão na atualidade, pioneiro da industrialização de Goiás, antes e acima de tudo, um homem puro, honesto e justo. Apertar sua mão dignifica qualquer um. Conviver com ele é um privilégio que nos cabe agradecer a Deus. É uma daquelas criaturas muito raras, a quem o poeta inspirado classifica de diáfano como um cristal".

Ainda Aquino Porto, sobre o começo da atividade industrial de Ovídio Inácio Carneiro:

"O sucesso de suas empresas começou com as madrugadas surpreendendo-o na primeira usina de pasteurização de Goiânia, ombreado com os operários mais humildes aleitando garrafas e engraçados, atento a tudo, engrandecendo-se no trabalho exaustivo. É modelo de cidadão, exemplo de amigo, paradigma de empresário e tronco de uma família admirável."

Nas suas empresas, virou lenda seu procedimento na repreensão de algum empregado. O doutor Ovídio o chamado e, muito calmo, lhe falava em tom coloquial:

- Meu filho, o seu trabalho é bom. Mas se você quiser pode ficar melhor ainda, fazendo assim...

Nos seus últimos dias de vida, sofrendo muito com a diabete cruel e insidiosa, ele procurava manter o sorriso. Não se queixava nem exigia nada. Às vezes, surpreendia a esposa ou uma filha que ia saindo do seu quarto:

- Se você passar pela cozinha, por favor me traga um copo d'água porque estou com muita sede.

Proprietário de muitas casas em Goiânia, rapidamente seus filhos estão descobrindo que ele não cobrava aluguel dos inquilinos. Se alguém lhe perguntava por isso, respondia:

- A vida está tão difícil que muitos não têm onde morar nem podem pagar aluguel. Não estou tendo prejuízo porque imóvel sempre valoriza.

Seu lazer predileto era pescaria. Amava o Araguaia e construiu um belo sobrado em Bandeirante, onde passava os melhores dias do ano. Descobriu o Araguaia levado pela família Alencastro Veiga, em 1945 e ficava orgulhoso quando vencia concursos de pesca.

Era um homem fino, de boas maneiras e seu vocabulário exibia fartura de expressões em francês. Quando menino, morando em Catalão, ele e os cinco irmãos tinham como professor José Paulo de Paula, do Instituto Agrônomo de Campinas, contratado por seu pai para proporcionar educação integral aos filhos. Era m mestre em etiqueta.

Joaquim Inácio Carneiro, pai do doutor Ovídio, foi um empresário rural pioneiro de grande visão. Ele importava gado fino, 60 anos atrás, para melhoria do padrão genético do seu rebanho. As terras da fazenda estão submersas pelo lago de Três Ranchos.

O doutor Ovídio iria estudar no Colégio Diocesano, em Uberaba. Mas seu pai morreu e ele ficou em Catalão, cuidando da mãe. Mudando-se para

Goiânia, 1948, fez o clássico no Lyceu e o curso de Ciências Jurídicas na Faculdade Federal de Direito. Em 1973, cursou a Escola Superior de Guerra.

### A primeira usina do Centro-Oeste

Em 1952, na então distante Vila Nova, o mato quase tomava conta das obras paralisadas da primeira usina de pasteurização do Centro-Oeste. Foi Francisco da Cunha Bastos quem convidou Ovídio Inácio Carneiro para reativar a construção. Lá, ele trabalhou de servente e pedreiro, carpinteiro e encanador, eletricista e mestre-de-obras. Seus filhos levavam-lhe o almoço, a pé, passando por um trieiro no meio do Bosque dos Buritis. Em 1953 a indústria funcionava.

Exigiu-se mais ainda do doutor Ovídio, que era o diretor industrial. O fornecimento de energia era precaríssimo, numa Goiânia abastecida apenas pela incipiente Usina Jaó. Ele permanecia dias e noites na empresa, controlando o equipamento, para que o leite não se perdesse devido à elevação da temperatura.

O técnico alemão que montou a maquinaria, toda importada da Europa, ensinou-lhe o funcionamento e a manutenção. E como não havia mão-de-obra disponível, era o doutor Ovídio quem treinava operários que lidariam com todo o equipamento.

Em 1960, com a inauguração de Brasília, a Companhia Goiana de Laticínios ganhava um novo mercado. O doutor Ovídio, presidente da empresa, assistia à explosão de sua prosperidade.

Durante 24 anos foi vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás e, nessa condição, assumiu várias vezes a presidência e, conseqüentemente, a direção Regional do Sesi e a presidência do Conselho do Senai.

Seu casamento com dona Ormindia Borges Carneiro lhe deu cinco filhos: Maria Aparecida, Carmem Ceres, Luci Beralda, Ovídio Filho e Sueli Célia.

Foi fiscal de charqueadas em Catalão, em 1934; escrivão do Cartório do Crime dos Feitos da Fazenda Pública Municipal até 1947 e secretário do Serviço Eleitoral. Em Goiânia, inspetor regional de rendas do Estado.

Sua atividade empresarial se multiplicou, com a Laticínios Goiânia Ltda e Usinas Vigor Goiano S/A. Presidiu em dois mandatos o Sindicato das Indústrias de Alimentação do Estado de Goiás e dirigiu a Companhia de Desenvolvimento do Estado de Goiás; representante da indústria brasileira junto ao Conselho Técnico Consultivo do Banco da Amazônia, por indicação

da Confederação Nacional da Indústria; membro do Conselho Universitário da UCG, diretor da Associação Comercial e Industrial do Estado de Goiás, membro do Conselho de Representantes da CNI, vice-presidente dos conselhos regionais do Sesi e do Senai e fundador do Rotary Clube de Goiânia.

Recebeu numerosas homenagens e títulos e o Clube de Diretores Lojistas de Goiânia o distinguiu com o título de Homem de Empresa de 1977.